



*Por uma cultura de paz*

## **136. RedeUnaViva: Meditação Cristã 136 – paragem 322 – 23.04.2017**

**LUCAS 10:25-37**

### **O BOM SAMARITANO**

**Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Que estrutura de diálogo entre o doutor da lei e o Mestre sustenta este ensinamento?
2. O que se depreende, através deste diálogo incluindo a parábola, ser necessário para alcançar a vida imanente?

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Como levar esta parábola para a meditação?

#### **136.1 Introdução: Um doutor da lei testa Jesus.**

Lucas descreveu a consagração dos 72 que são enviados em peregrinação para em seguida contar como foi o seu retorno. Resolve tratar a convocação com o encaminhamento e, depois, o seu regresso numa mesma sequência. Os dois atos correspondem aos versículos 1 a 23 do seu capítulo 10. No versículo 24, ele começa a narrar o episódio que cuidaremos de analisar hoje. Assim, deixamos o retorno do 72 para um pouco mais à frente, entendendo que enquanto estes seguiram para sua primeira experiência doutrinária, o Cristo permaneceu ali, nas redondezas de Jerusalém com os 12 apóstolos, desenvolvendo mais uma etapa do seu ministério.

Permaneceu na Judeia antes de rumar para terras do além-Jordão.

Numa das suas idas ao Templo, levantou-se diante dele um doutor da lei para testá-lo. Eram bem afeitos a este tipo celeuma e a usavam como armadilha para apanhar os embusteiros, aproveitando-se do seu profundo conhecimento da letra sagrada. Atraíam assim o estranho para o seu campo preferido. Com argumentos centrados em vastas e precisas referências da Escritura derrotavam seus oponentes. Deleitavam-se com estes embates pelo prestígio que lhes facultavam.



### *Por uma cultura de Paz*

Quem sabe não seria este doutor da lei um daqueles que ouviram dias antes a admoestação de Nicodemos? Se fosse, estava formalizando a sugestão de Nicodemos, propondo ao nazareno um certo interrogatório. Não uma perquirição no âmbito do julgamento, mas de feição doutrinária.

Será surpreendido pela lucidez e argúcia do Mestre, que deixará a todos nós, através deste diálogo, fenomenal lição em beleza e profundidade. Analisemos, pois, os versículos 25 a 37 do capítulo 10 de Lucas a fim de apreendermos tal conteúdo.

#### 136.2 Evangelho-parte 1: Jesus é provocado por um doutor da lei. (Lc)

Lucas 10:25-37
25. E então levantou-se certo doutor (da lei), tentando-o e dizendo: “Mestre, que farei para herdar a vida imanente?”
26. Ele disse-lhe: "Na lei, que está escrito? Como lês?
27. Respondendo-lhe, disse; "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda as tuas forças, e de todo o teu intelecto, e a teu próximo como a ti mesmo".
28. E disse-lhe (Jesus): "Respondeste corretamente; faz isso e viverás".
29. Mas, querendo justificar-se, ele disse a Jesus “E quem é meu próximo”?

1. Em lugar público, Jesus é tentado por um doutor da lei: “Rabi, que farei para herdar a vida imanente”?
2. O Mestre inverte as posições: “Como lês o que na lei está escrito”?
3. Responde-o o sabido: “amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda as tuas forças, e de todo o teu intelecto, e a teu próximo como a ti mesmo”.
4. Volta-lhe Jesus: “respondeste corretamente. Faze isto e viverás”.
5. Sem se dar por vencido na celeuma que desejava criar, perguntou: “e quem é o meu próximo”?

#### 136.3 Evangelho-parte 2: Jesus conta uma estória. (Lc)

Lucas 10:25-37
30. Replicando, disse Jesus: "Certo homem descia de Jerusalém a Jericó e caiu entre ladrões que, tendo-o não só despido como batido até chegá-lo, foram embora deixando o meio-morto.
31. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote e, vendo-o, passou ao largo.
32. Igualmente um levita, vindo a esse lugar e vendo-o, passou ao largo.
33. Certo samaritano, porém, viajando, chegou junto dele e, vendo-o, teve compaixão.
34. E aproximando-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando sobre elas azeite e vinho; e colocando-o sobre seu jumento, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele.
35. E no dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao hospedeiro, e disse "Cuida dele, e o que



*Por uma cultura de Paz*

**quer que gastes a mais, eu te pagarei no meu regresso".**

6. Jesus responde em dois tempos. No primeiro, conta uma parábola.
7. "Certo homem descia de Jerusalém a Jericó, quando caiu nas mãos de ladrões. Espancaram-no até o desfalecimento e tudo dele roubaram, inclusive a roupa do corpo.
8. Um sacerdote que desceu por aquele caminho, vendo-o, passou ao largo.
9. Um levita repetiu este comportamento e também passou ao largo.
10. Um samaritano viajante aproximou-se e vendo-o naquela miséria encheu-se de compaixão.
11. Limpou as feridas com vinho, derramou-lhes azeite e as cobriu com faixas.
12. Colocando-o sobre seu jumento, levou-o a uma hospedaria, onde continuou cuidando do ferido.
13. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro com a recomendação: "cuida dele e, caso gastes mais, no meu regresso eu te pagarei".

#### 136.4 Evangelho-parte 4: Jesus mostra que o doutor já sabia as duas respostas. (Lc).

Lucas 10:25-37
36. Qual destes três te parece ter-se tornado o próximo do que caiu entre ladrões?
37. Respondeu-lhe: "O que teve misericórdia para com ele". Disse-lhe Jesus: "Vai também tu fazer do mesmo modo".

14. No segundo tempo, ao invés de concluir, devolve a pergunta ao doutor: "qual dos três te parece ter-se tornado o próximo da vítima dos ladrões"?
15. Resposta do religioso: "o que teve misericórdia para com ele".
16. Arrematou Jesus: "vai tu também fazer do mesmo modo".

#### 136.5 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

##### 1. Que estrutura de diálogo entre o doutor da lei e o Mestre sustenta este ensinamento?

A parábola do Samaritano é maravilhosa, mas ela não apareceu do nada. Foi suscitada pela provocação de um sacerdote que queria, com o seu douto e escolástico saber, derrotar Jesus. A estrutura deste diálogo, conforme Lucas se nos apresenta, pode ser dividida em oito itens:

1) Um doutor da lei interroga Jesus sobre um conteúdo doutrinário, área do seu específico conhecimento. Inicia a disputa testando seu suposto adversário sobre tema próprio do seu domínio intelectual. Com este expediente já derrotara vários interlocutores. Transportando alegoricamente a disputa para um jogo de xadrez,



### *Por uma cultura de paz*

garantia vantagem pessoal por estar *jogando com as peças brancas* – tomava a iniciativa do debate, propondo uma pergunta. Versa sobre o que deve ser feito para alcançar a vida imanente.

2) Jesus reverte a vantagem na medida que sutilmente sai da defesa para o ataque, isto é, inverte as posições. Em vez de assumir o dever de responder, devolve-lhe a questão, precisamente com a mesma pergunta. O religioso não percebe ter sido envolvido pelo poder do Mestre, pois fica na ilusão de que uma vantagem lhe foi concedida, já terá a oportunidade de revelar seu profundo conhecimento sagrado. De pronto se agarra na proposta e responde com toda propriedade de quem sabe. Conjuga três referências da Escritura para falar do amor a Deus, ao próximo e a si mesmo.

3) Jesus, aproveita o conteúdo do conhecimento do doutor para, simplesmente, adicionar um complemento. Estava a esclarecer: “o que me perguntas tu já sabes – não precisa me perguntar e nem é preciso que eu lhe responda”. Apenas acrescenta: “em matéria religiosa, sabemos o que deve ser feito para fazermos. Então, **faze**”.

4) O doutor da lei não podia se dar por satisfeito, pois tinha saído para tosquiado e não podia voltar tosquiado. Era urgente reagir. Agora entendia, se o nazareno não se deixara apanhar no campo da polêmica, com a segunda pergunta que guardava na manga, de certo, o pegaria. Lança a capciosa pergunta: “e quem é o meu próximo”?

5) O Cristo poderia repetir o expediente anterior; devolver-lhe a pergunta. Mas usar a mesma estratégia fora a conduta do suposto doutor. À pergunta um Jesus lhe envia a pergunta dois; à pergunta três, o Cristo não reflete com a pergunta quatro. Até irá lhe devolver, mas depois de uma grande e bela volta na qual o doutor ficará totalmente enredado e sem saída. Fez parte da sua estratégia contar uma estória. Não só conta, mas inventa. Confecciona-a na medida justa do figurino do seu interlocutor. Trata-se da magnífica parábola do samaritano.

6) Quando termina a parábola, sua eloquência é tamanha, tão poderosa, que fazer lhe aderir a próxima e derradeira pergunta não foi mais do que mero adendo. Devolve-lhe, pois, a mesma pergunta com a sutileza da ilustração fantástica que a estória veicula – quem é o meu próximo? No lugar da Escritura, Jesus lhe ofereceu uma situação da vida, algo que se não acontecera *ipsis literis*, pelo menos, com certa aparência, era provável. Deu-lhe chance de deduzir a resposta com a lógica disponível. Estava perguntando quem fora o mais próximo do sofredor.

7) Restou ao sacerdote apenas a escolha de não proferir textualmente o nome “samaritano”, porque isto implicaria em afirmar que um homem considerado não-judeu teria sido mais cumpridor da lei de Deus do que os seus pares. No entanto, capitulou.

8) Foi provocar Jesus para lhe derrotar no campo do seu duto saber e teve que se calar. Não apenas em face de qualquer comemoração de vitória sobre aquele que seu grupo classificava como impostor, mas também para refletir sobre a grandeza da lição que acabara de receber. Isto, se não entrassem em cena as defesas psicológicas que nós,



### *Por uma cultura de paz*

tantas vezes, usamos para não termos que mudar de opinião. É o orgulho que, com frequência, impede a atitude conciliatória de quem reconhece a superioridade do argumento contrário. Quem assim se comporta entra em verdadeira batalha de ego. Um interlocutor sábio não a alimentará. No caso, Jesus nem precisou assumir tal atitude já que o doutor da lei se retirou calado.

#### **2. O que se depreende, através deste diálogo incluindo a parábola, ser necessário para alcançar a vida imanente?**

A parábola do Samaritano é uma peça maravilhosa, criação do Cristo, para funcionar como lição oportuna para o momento.

É uma pergunta similar àquela do Pão Vivo quando o Mestre é interrogado sobre o que deve ser feito para ter o Pão Imanente (Jo 6: 27-29; MC-100). A ocasião é diferente e a resposta escolhida a ser dada, também. Usa o próprio conhecimento do arguidor para fechar a questão, já que o encaminhamento poderia ser bem curto. E seria, se não houvesse insistência do doutor para a polêmica. O sacerdote responde juntando três recomendações explícitas da Escritura, duas vindas do Deuteronômio e a terceira, do Levítico: 1) “amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças” (Deuteronômio 6:5); 2) “E será que, se diligentemente obedeceres a meus mandamentos que hoje vos ordeno, de amar ao Senhor vosso Deus, e de o servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma...” (Deuteronômio 10:12). 3) “Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor” (Levítico 19:18).

Não é porque o ensinamento veio de outro, da Escritura ou do sacerdote, que Jesus não o usará, nem o repetirá. Pelo contrário, dirá mais tarde que toda a lei e os profetas resumiam-se nestes dois mandamentos. (Mt 22:35-40).

A salvação ou a aquisição da vida imanente, aquela que não conhece a morte, depende da prática destes preceitos máximos.

Amar Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo pensamento é o que vem à frente. No singular ato de introspecção é facultada uma vivência de si para consigo, já que Deus vive no nosso sentir e no nosso pensar, naquilo que é a nossa essência, apresentada aqui como alma. Também poderia ser figurada como espírito. Ou seja, o espírito é Deus. Alcança-se ele com um ato de consciência, onde pensar e sentir se integram em unidade que espírito é. Nesta comunhão reside o amor a Deus. Noutro viés, é como amar a si mesmo. Valorizar a si mesmo como essência é, ao mesmo tempo, amar a si e amar a Deus. O Pai e eu somos um. Mas para clarificar que a libertação não é exclusiva de uma ação no interior da criatura – mais conhecida, na tradição cristã, como oração –, que há sua correspondência como ação no mundo externo, o próximo é



### *Por uma cultura de paz*

apontado como elemento precioso. É tanto possível amar a Deus, como amar o próximo, através do amor a si. Se o Pai e eu somos um, o próximo e eu, também, somos um. O próximo, Deus e eu somos um – é o que elucida o mandamento número um do Cristo. E a modalidade da relação entre este *três-em-um* deve ser a do amor. Amar os três. Os três como outra trindade.

Poderia o Cristo ter contado outra estória se mais fosse perguntado sobre Deus ou sobre o eu. Mas como o questionado foi o próximo, contou parábola da vez para elucidar com imagens da vida, que é onde acontece esta relação com o próximo, quem é este.

Não apenas ensinou quem é o próximo, mas o que é amar o próximo. O próximo não se afigurou apenas como os familiares ou aqueles irmanados através de uma mesma ideologia. Tratou de deixar claro que o homem caído era um ser humano despido de identidade específica. Não importa sua nacionalidade, sua classe social, sua religião. Era um homem caído, sofrido, em penúrias, como é todo o ser humano. Sua expressão depende apenas de circunstâncias que chegam, mais cedo ou mais tarde. O próximo é, então, aquele que o momento nos coloca em interação. É aquele que, por força da ocasião, é posto no nosso caminho. Amá-lo é atendê-lo de acordo com suas necessidades circunstanciais.

Na parábola, quem estaria, em tese, mais capacitado a ajudá-lo naquela situação? O religioso, por força do seu conhecimento e reflexão – fora aconselhado colocar bordas nas franjas de suas vestes para que lembrasse dos mandamentos de Deus (Números 15: 38-40), ou que eles fossem escritos nos umbrais da sua casa (Deuteronômio 11: 19). No entanto, nem sempre ter conhecimento implica em dispor de ação consoante. Foi o que se deu na estória com o sacerdote e o levita, representantes oficiais da “nossa tradição” – estaria o Mestre a dizer. Têm aprendido e têm ensinado. Mas têm praticado? Era o questionamento. O samaritano, considerado um pária, um deserdado de Israel, é quem vai cumprir o mandamento de Deus. Portanto, conhecimento religioso não garante ação coerente com este conhecimento. E está mais próximo de Deus aquele que age e não aquele que conhece.

#### **136.6 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

##### **3. Como levar esta parábola para a meditação?**

Ao te perguntar, Mestre abençoado, “quem é meu próximo”, proporcionou-nos o doutor da lei o vislumbre de um cenário especial, desde que eu dilate minha visão à procura da figura que se encaixe no buscado.

Quando estendo a visão à minha volta, discrimino corpos, faces, olhos, vejo a todos menos a mim. Dou-lhes vida o tanto quanto a adquiro minha consciência isolada, que se discrimina no universo mental onde as consciências de todos aqueles corpos se



### *Por uma cultura de paz*

ausentam. Dois universos particulares atualizados e ligados por coisa peculiaríssima, minha consciência como o único ente real. Assisto o seu fluir, agora, no jorro fértil, expresso na cadência de “O doutor e o samaritano”.

Cada um dos divisados no cenário que me envolve é meu próximo. E se prevalece a dimensão do amor, como modalidade de relação que mais importa à doutrina cristã, é mais próximo caso se encontre em necessidade, ou seja, se seu conforto básico estiver ameaçado ou comprometido.

Os familiares e amigos íntimos também se encaixam na figura do próximo. Basta o sofrimento, a dificuldade, lhes baterem à porta. Embora, sobre a família, outra preciosa lição nos legaste. Quando te informaram procurado pela mãe e irmãos, alargaste: “Minha mãe e meus irmãos são todos aqueles que cumprem a vontade de Deus” (Mt 12:48-50). Com estes, nos prontificamos a formar um agrupamento que sirva em nome do amor.

Amar ao próximo, tu ilustraste em abundância através do conto do samaritano. É sentir compaixão, e para tal, é preciso educar o sentimento. É transformar o sentimento em solidariedade, e para tal é preciso armazenar atitudes. Daí se constrói o comportamento que, sendo cristão, há de mudar o mundo, depois de ter educado a si mesmo. Matriculei-me na tua escola de caridade, aquela que cuida de diminuir o sofrimento de quem padece, independente de identidade.

O aprendiz disfarçado em douto poderia ainda ter te feito outra pergunta, referente à passagem: “quem é Deus”? Tu repetirias com simplicidade. “O Pai Nosso. Aquele que faz levantar o sol sobre maus e bons, e descer a chuva para justos e injustos. Aquele que veste com beleza o lírio do campo e alimenta as aves do céu. Aquele que me enviou”. Há que o descobrir no escrutínio do recolhimento pessoal, exercitado todos os dias.

O religioso aprendiz poderia ainda optar pela terceira pergunta: quem é o “eu” igual ao “si mesmo”, do “amar a si mesmo”? Terias que tomar a si próprio para responder. Assim o fez. “Eu sou o Cristo, o Filho do Homem, o enviado de Deus”. Estarias oferecendo-nos a via interna da vida imanente, apontando a urgente necessidade da autodescoberta. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai senão por mim”.

Estarias me ensinando a repetir “Eu sou o Cristo”. Fechar os olhos, em meditação, e reduzir minha vida mental em um único ato de consciência, sereno, estável, pleno: “Eu como o Cristo, eu como Deus – para além das palavras e imagens”. Não o pequeno eu egoico, mas o Eu supremo, que neste ato de consciência, o da oração, me põe em silêncio amando Deus.



*Por uma cultura de paz*

**136.7 Versículo(s) para a meditação:** Lucas 10:36-37.

36. Qual destes três te parece ter-se tornado o próximo do que caiu entre ladrões?

37. Respondeu-lhe: "O que teve misericórdia para com ele". Disse-lhe Jesus: "Vai também tu fazer do mesmo modo".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 137 – paragem 323 – 30.04.17  
LUCAS 10:38-42